

REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

Anno I

ASSIGNATURA

Num. 14

PARA A CAPITAL: Trimestre 2\$500—PARA FÓRA DA CAPITAL: Anno 10\$000

A ESCULPTURA



A estatuaria em Athenas, em Roma, em França
Os marmores de Pariz, da Corsega e do Auvergne



Falconnet, não menos habil estatuário que escriptor engenhoso, definiu a escultura, „a arte que, por meio do desenho e da materia solidificada, imita com o cinzel os objectos palpaveis da natureza.“

A escultura foi das primeiras necessidades da civilisação. O homem experimentou, desde que viveu em communidade, o desejo de materializar de algum modo as suas crenças, e honrar a virtude. D'aqui as imagens mais ou menos grosseiras dos deuses, dos reis, dos legisladores e dos heróes.

Os povos antigos ainda hoje conservão os monumentos primitivos da sua civilisação; ainda se vêem nas grutas sagradas dos hindous as estatuas colossaes das suas divindades; o pagode de Elephantina, perto de Bombaim, contém a agigantada figura de Brahma; e em varios lugares das margens do Ganges, tambem se encontrão, entre as ruinas de palacios e templos, enormes fragmentos de estatuas, que servem de travesseiros aos caimões, aos crocodilos e ás serpentes.

Os hindous não erão falhos de imaginação e de sciencia manual; mas o seu gosto, ou antes o espirito das suas instituições religiosas e politicas, levava-os para os emblemas, para os symbolos e allegorias.

Os persas, menos escravos que os hindous das doutrinas religiosas, davão ás suas esculturas character menos sombrio e menos austero; as ruínas de Persepolis e de outras cidades famosas

da Persia, ensinarão-nos o grande proveito que aquella nação sabia colher da sua architectura e da sua escultura. Mas os artistas persas, por escrupulo religioso ou por impotencia, nunca se atreverão a trabalhar figuras nuas, e privarão-se assim de reproduzir a belleza das fórmulas humanas.

A escultura chegou a mui elevado gráo de aperfeiçoamento na Assyria. No tempo de Belo, de Semiramis, de Nino, muitas obras de escultura aformosearão Babylonia, e se alliarão admiravelmente aos agigantados desenvolvimentos da sua architectura militar, civil e religiosa. Até o bronze, conhecido dos esculptores assyrios, se amoldou em suas mãos poderosas a todas as formas, caracteres e dimensões.

Na Armenia e no Kurdistam ha estatuas que representão Cosroes e Chirine, sua mulher muito querida, devidas ao cinzel de Ferhad, poeta, esculptor e distincto capitão. Uma observação deve ser feita aqui, a saber: que entre os grandes povos em que a religião das suas artes se sustentou mais tempo; entre os persas, os gregos e os italianos, os artistas eminentes juntavão quasi todos ao genio proprio das armas, da politica, da philosophia, da physica e da poesia. Justiça seja feita aos artistas modernos, ainda os mais illustres. Encerrão-se humildemente no circulo dos seus trabalhos e estudos, e não matão, como diz o rifão, dois coelhos de uma cajadada. São unicamente homens de genio, quando o são. Rubens é talvez o ultimo pintor distincto, que juntou á sua immortal palheta a penna de poeta, a esquadria do architecto, a chave de diplomata; Rubens foi realmente o ultimo colorista e o ultimo pintor embaixador.

Os egypcios adoptarão o estylo e o character da escultura dos assyrios e dos persas, mas submetterão-n'a a regras fixas e invariaveis. A escultu-

ra, bem como a architectura, mancharão-se no Egypto nos dogmas religiosos e politicos; foi sombria, grave, absoluta. Pelos seus hieroglyphos e symbolos a esculptura liga-se á patria e á historia; pela mumia, por esta eternidade, ou melhor perpetuidade do cadaver, á crença e á immortalidade da alma, fé em todas as nações, e que só abandona as sociedades corrompidas e prestes a cair de baixo do nivel da barbaria ou da espada do conquistador.

De qualquer modo, as tradições esculpturaes do Hindostan, revelão-se na esculptura egypcia, cujo estylo é aspero e funebre, cujo pensamento tira seus effeitos mais da morte que da vida. As cariatides, que terminão as columnas do templo de Denderak, pelo feitio muito desproporcionado dos corpos das mulheres, e pela monstruosa aglomeração das fórmãs do homem e dos animaes, são emanações da arte hindou. As esphinges, os anubis, os ibis, e as serpentes allegoricas, todas têm o cunho daquelle antiquissimo regimen.

Do Egypto a esculptura passou á Grecia. As primeiras esculpturas da Elde, da Jonia e da Beocia, são do estylo hindou-egypcio. Estas esculpturas gregas erão informes estojos de granito, nos quaes se punha nariz, olhos, orelhas, etc. Eis aqui a origem das estatuas de Mercurio, o ponto de partida de estatuaria antiga. Tem-se dito agora que o grande seculo de Luiz XIV estivera na faca de Ravailac; com mais razão se dirá, me parece, que o seculo de Pericles e o cinzel de Phidias estavam na primeira estatua de Mercurio.

Appareceu Dedalo, e quando se diz que fez andar estatuas nas praças publicas e nas ruas de Athenas, quer-se significar que accrescentou pés ás estatuas dos deuses e dos herões semeadas no territorio da cidade ainda barbara, que se chamava Athenas.

Engrandeceu-se a esculptura grega em poucos seculos, e não se delimitou a ornar os templos dos deuses, os palacios dos magistrados e dos cidadãos ricos; consagrou-se tambem a outros estudos, e multiplicando as suas maravilhas, multiplicou os seus trabalhos.

Thronos, rendas, vasos, tripedes, piscinas para os templos; armas soberbas, panoplias, tropheus para os padres de Minerva e de Bellona, não absorverão toda a seiva da esculptura grega antiga.

Os artistas gregos marcavão com o sello do seu genio tudo o que lhes sahia das mãos. A caixinha de Cypselus d'Olympia tinha igual fama

á do throno de Appollo em Amyclea, e a meza thebana não era menos celebre que a galera de Salamina suspensa nos muros de Acropolis.

Dipoenus e Syllis de Creta aperfeiçoarão a arte de talhar o marmore; e quasi na mesma época os artistas de Egina, de Samos, de Argos e de Sicyone, se distinguirão por sua habilidade na fundição em bronze das estatuas dos deuses e dos homens notaveis. Finalmente, a esculptura que apenas caminhava nos tempos dos Pisistratos, retomou um vôo na época de Pericles. Tem-se dito, repetido, improvisado cem vezes talvez, que os grandes poetas do seculo de Pericles exercerão feliz e poderosa influencia sobre as artes plasticas. Esta allegação é uma das mil ninharias que passarão de mão em mão, como certas modas falsas e de pouco valor, cuja éra e cunho ninguem se dá ao trabalho de verificar.

Nem os grandes poetas produzem os grandes artistas, nem os grandes pintores, os grandes esculptores, os grandes gravadores e os grandes musicos produzem os grandes poetas.

Os seculos de Pericles, de Augusto, de Leão X e de Luiz XIV apresentam effectivamente uma pleiade luminosa e esplendida de todos os generos de gloria; mas é absurdo acreditar que Phidias não existiria sem Sophocles, Rutino Galba sem Virgilio, Miguel Angelo sem Ariosto, e Girardin sem Corneille. Os poetas podem co-existir com os artistas, mas o firmamento da intelligencia é muito extenso para que os astros, reis do infinito, mutuem reciprocamente os seus raios, seu brilho e sua gloria.

Phidias foi o Homero da esculptura. Os dois typos de belleza sobrenatural, de belleza ideal, sairão do cinzel deste sublime artista: a Minerva do Parthenon, e o Jupiter Olympico de Elis. Polycleto, contemporaneo de Phidias, formou uma escola famosa, que deu á Grecia muitos artistas eminentes. Finalmente Myron, autor do Discobulo do Hercules, ensinou o genero athletico, que vulgarisou a certos respeitos a esculptura, e tirou-lhe parte daquelle pompa olympica, com que a havia dotado o divino cinzel de Phidias.

NASCER, MORRER...

(BLASCO)

Nasce no mar a perola mais fina,
Na rocha a violeta, nas fugaces
Nuvens do orvalho a gota crystallina,
Tu, nos meus sonhos nascês.

Morrem, n'um solio a perola fulgente,
N'um jarro as flores que te entreteces,
No solo secco o orvalho, e em tua mente
Morro, porque me esqueces !

RAYMUNDO CORRÊA.

MEU FILHO...

A TIMOTHEO DE FARIA

Meu filho, tão pequeno
Tu és, e tão fraquinho...
Tão bom, tão são ainda,
Alegre e innocentinho...

Que eu, que a vil calúnia
Mil vezes morde irada,
Sem pena, sem remorso,
Raivosa, ma, damnada...

Que tenho sido o alvo
Da intriga baixa, infame,
Que contra mim nas trevas
Conspira, tece e brame,

Embora o peito sangue,
Não posso a ti, creança,
Mandar que satisfaças
Atroz, cruel vingança.

A tua fragil razão,
A tua santa innocencia,
Essa placida, tranquilla,
Indecisa consciencia

Não deixão que o mal se inspire
No teu ser immaculado;
Oh ! premio que os céos me derão,
Filho, oh ! filho meu amado !

Tu te ris tão resplendente
Dessa alegria divina,
Raio de luz doce e clara
Que a minha fronte illumina...

Vai não *extranles* : amigo
Elle quer ser de teu pai,
Elle traz a luz do genio,
Quer dar-t'a, meu filho, vai.

Os nomes dos intrigantes
Dos que a calúnia me armarão
Na minha *pubita* vida;
E mil golpes me vibrarão,

Oh ! esses nomes nojentos
Eu jamais a ti diria.
Mas o nome deste amigo...
E' Timotheo de Faria.

Dá-lhe um abraço apertado,
Um beijo dá-lhe a sorrir.
Voltarás ao teu bercinho
Quando quizeres dormir.

A. C.

Porto Alegre — 1881.

UM BAPTISMO POSTHUMO

LENDA ALAGOANA

Quis non renatus fuerit ex aqua et Spiritu
Sancto non potest introire in regno coeli.

I

Erão os antigos mui supersticiosos e fanaticos
nas cousas de religião, e nem por isso deixavão
de muitas vezes casar as praticas mais veneraveis
do culto com as maiores abominações e crimes.

Ja erão idos os seculos em que o cruzado
marchava para, á lança e adaga, converter os
infieis á fé christã; e enchia-se de regosijo quando
lhes via, com as ultimas gotas de sangue dos

membros rotos, irem-se desprendendo os invertidos espiritos, após ter-lhes lançado a agua lustral, ou tão somente a formula sacramental do baptismo.

Mas estava-se ainda no tempo em que, para angariar almas para o céo, queimavão-lhes os envulucros de carne nas fogueiras da inquisição; era mesmo a época das cathecheses á arcabuz, da qual os pobres donos da America morrião aos milhares para darem á religião dos seus hospedes, o ineffavel prazer de recebê-los *in extremis*, sem sciencia nem consciencia dos suppostos cathecumens, que com toda a razão revoltavão-se contra o beneficio, não tanto por o desconhecerem de todo, estranhos como estavam á menor noção dos dogmas sublimes do Golgotha, mas ainda pelos meios pouco persuasivos que o beneficiado empregava.

Em abono da verdade, ainda que triste verdade, deve-se dizer que estes cathechistas ião ao encontro dos indios com o intuito de trazel-os vivos ao seio do christianismo e aos trabalhos da escravidão; isto é, compravão-lhes os corpos á troco de libertarem-lhes as almas dos fogaréos do inferno.

Mas, os authochtones não concordando com isso, e assignando-se vencidos na acção e protestando energicamente, com o affastamento e fuga, e o tacape e flechas, obrigavão os christãos a irem em sua busca, e fazerem a cathechese á ferro e fogo, baptisando ahi mesmo no campo de batalha, ás vezes em massa, os que moribundos cahião.

Conta-se de um desses fervorosos christãos e sertanistas destemidos, companheiro de Anhanguera, que em uma daquellas occasiões, repetindo a formula sacramental do baptismo, com que queria redimir a alma de um indio moribundo, a seus pés, interrompera-se pela dor aguda de uma flexada que recebera e que fizera-o exclamar — Diabo, justamente na occasião em que devia dar um nome ao baptisando; pelo que ficara este bem e devidamente baptisado com aquelle nome, sem outro exemplo, *nec antea nec postea*, em baptismo de christão, que taes forão as decisões ecclesiasticas.

II

Pois era nesses tempos que se deu o facto que contamos, e que pareceria absurdo se não se soubesse que de mais era capaz o fanatismo de então.

Segundo as tradições do regimen portuguez era praxe, na colonia do Brazil, serem militares os governos; e por menor que fosse um povoado la havia sempre um capitão de ordenanças, se não existia capitão-mor ou sargento-mor, para chefe da população.

Tinha elle alçada em tudo e trazia as gentes tão arregimentada e submissa, que á primeira voz tudo se movia.

Foi assim que, sempre em todas as urgencias do Estado, vimos levantarem-se com facilidade, em qualquer logarejo, forças numerosas para sustentar os interesses da coroa.

III

Foi assim que na guerra dos Palmares, para reforçar as tropas do capitão-mor Bernardo Vieira de Mello, concorrerão Alagoas, S. Miguel e Penedo com seus contingentes, consideraveis em numero, e que marcharão sob o commando do sargento-mor Sebastião Dias Maneli; e sabe-se que ali no cerco, Bernardo Vieira dividindo os seis mil homens de que dispunha em tres corpos para atacarem simultaneamente as tres portas da estacada, primeiras obras de defeza do grande quilombo, confiou a Maneli a esquerda, e a direita a Domingos Jorge, reservando para si o ataque do centro.

Animavão o espirito de Maneli os brios guerreiros, tanto como os escrupulos do bom christão: era daquelles que, nbs ultimos paroxismos do infiel, nunca se esquecia de dar-lhe, em troco da vida que lhe tirava, a sagrada formula do baptismo.

E assim vivia na mais doce paz de consciencia e intima satisfação de bem servir ao seu Deus e ao seu rei.

IV

Diz a historia, que nos Palmares atacou com tal denodo e vigor o ponto que lhe foi confiado, que logrou rompê-lo, do mesmo modo que Vieira o seu; sendo dos tres atacantes menos feliz Domingos Jorge, que foi forçado a retirar-se, indo reunir-se a Vieira, „para ser seu companheiro no perigo e na gloria“, de perto e bem junto, que talvez lhe parecesse menos glorioso sentir o perigo mais longe.

Isso se deu em dia de sabbado, 14 de Maio de 1695.

Maneli rompendo a defeza e invadindo

quilombo, e vendo diante de si o proprio chefe da republica negra, que para ali correra, por ver que era o ponto mais vigorosamente atacado, foi levando tudo de rijo diante de si, forçando o proprio chefe, Zumbi, á buscar morte terrivel precipitando-se em um despenhadeiro.

Zumbi, como a maior parte dos seus companheiros, erão crioulos da segunda geração dos Palmares, onde não se conhecia outra religião senão o mais grosseiro fetichismo.

Maneli tanto trabalhava com o arcabuz e a adaga, como com as armas infensas da religião; e ja era visto como um raio á despedir golpes mortiferos ao inimigo, ja passando as armas para a mão esquerda, com a direita abençoar emquanto que constricto repetia o — Eu te baptiso In nomine Patris, Filii et Spiriti Sancti, amen.

Passão-se annos e pela segunda decada do seculo passado fallece o honrado Maneli, ja então capitão-mor da villa da Magdalena, em Alagoas, tendo sepultura no convento de S. Francisco.

V

Erão então os conventos bastante povoados de cenobitas, e neste da Magdalena havia entre elles um de vida mui austera, e que todos os dias, após o soar da meia noite, ia orar no côro.

Nessa noite pareceu-lhe ver abrir-se uma sepultura e como que della erguer-se um vulto vestido de habitos fradescos e prostrar-se em oração.

Subito pavor apodera-se do frade, que acreditando ser algum religioso da sua ordem que deixasse impenitente a vida, quiz por seu bem questional-o, mas, preza a voz na garganta, nem pôde fallar-lhe, nem mesmo continuar as rezas, tanto lhe cresceu o terror.

Na noite seguinte, tendo pensado maduramente nos deveres de sua profissão, e ja mais fortalecido, testemunhou a mesma apparição, mas o resultado foi o mesmo. Um combate travou-se então entre a consciencia e o pavor do austero religioso.

A cousa era sobrenatural, e com quanto a apparição só se testemunhava a elle, parecia exceder os limites de suas faculdades: deu, pois, conta á comunidade do occorrido, e pediu conselhos.

Esta resolveu que o predestinado religioso continuasse na mesma pratica de todos os dias, mas acompanhado de dois outros frades.

Com effeito, na madrugada seguinte estes virão a sepultura abrir-se e erguer-se o vulto, para em seguida ajoelhar-se como que em oração; e o frade teve então o animo preciso para evocar a visão, sem duvida espirito penitente de algum seu confrade, dizendo-lhe:

— Quem és, irmão, e o que desejas?

— Sou a alma de Sebastião Dias Maneli, que erro penando por ter deixado morrer o Zumbi, sem buscar resgatar sua alma do peccado eterno.

Maneli esquecera-se do Zumbi ao baptisar os seus companheiros.

E a comunidade resolveu celebrar o acto baptismal solemne sobre a sepultura do capitão-mor, na mente de apagar os peccados do chefe dos Palmares, e resgatar seu espirito para o céu.

O que é certo, diz a lenda, é que no dia seguinte, reunida a comunidade, de cruz alçada, e feitas solememente, á beira da sepultura, as exhortações da formula sacramental do baptismo, sentio-se como entreabrirem-se as taboas que servião de campa e ouviu-se um prolongado suspiro como que de allivio e satisfação, que gelando de payor os viyos, foi patente prova de que o espirito de Maneli ficara tranquillo e livre do remorso.

E desde então, nunca mais a paz do claustro foi perturbada.

P. FONSECA.

LEMBRANÇA



Recordar-se,—consolar-se.

A. HERCULANO.

Um dia ella passava pensativa,
Tristes os olhos a fitar no ceo;
Afiagavão-lhe o seio suspirosas
As negras tranças do cabello seu.

Leve sussurro lhe agitava os labios.
Tremula a prece para o ceo ergueu;
Depois... brilhante aljofar foi beijar
As negras tranças do cabello seu.

Passou ao pé de mim: como um gemido
Que a rola, á tarde, a soluçar gemeu,
A brisa somnolenta suspirava
Por entre as tranças do cabello seu.

Dir-se-hia a ,, madona dos palmares“
De meiga tarde a se esconder no veu;
Ai, como linda ella volvia ao collo
As negras tranças do cabello seu.

Oh ! como era poetica essa tarde!
Que meiga brisa, que azulado ceu !...
Ai, quem me dera esmorecer á sombra
Das negras tranças do cabello seu !

De então ficou-me sempre aquella imagem
Eterna a passear no peito meu
E minh'alma tambem segue inda a sombra
Das negras tranças do cabello seu

DR. GUEDES CABRAL.



O BAILE



DESCRIPÇÃO HISTORICA

Não creião os nossos leitores que vamos tratar neste artigo do baile á moderna, ou tal como hoje em dia se conhece e executa nos paizes civilisados, o qual é um dos mais prejudiciaes á nossa organização, não por si, mas pelas circunstancias e lugares em que se effectua, geralmente condemnados pela hygiene.

A historia certifica-nos que o baile existe desde os mais remotos tempos. Flatão, Homero e outros, citão uma infinidade de exemplos com que nos demonstrão a sua primitiva importancia, regras para o levar a effeito e casos em que devia omitir-se, podendo-se dizer que chegou a ser um dos principaes meios de significar espontaneamente a alegria e a satisfação em todos os povos.

Mais adiante, derão-se-lhe regras e combinou-se com o canto e com a musica, bem assim com os movimentos dos braços, o que, segundo a precipitação destes, dava a entender se o objecto por que se dançava era de veneração ou de alegria.

Foi denominado por alguns Orquesin, e o poeta Simónides costumava chamar ao baile, poesia que cala, e á poesia, baile que falla.

O baile é um exercicio que se adaptou sempre ás necessidades da época, variando, portanto, não só a sua encantadora singeleza e modo de prati-

cal-o, mas tambem as suas mais rudimentares regras, em harmonia com o bom gosto e esmerada educação.

Os Gregos chamavão-lhe *Orjedid* e era um dos exercicios que mais estavam em voga na antiguidade, muito especialmente a dança na corda, arte que, segundo escriptores autorisados, foi inventada pouco depois dos jogos *cornicos* instituidas em honra de Baccho (345 annos antes de Christo) e em que os Gregos sobresaem notavelmente, effectuando este exercicio em cima de pelles.

Neunobatas, Schenobatas, Abróbatas, etc., etc., erão os nomes com que se conhecião os differentes bandos que se constituião para tal exercicio.

Terencio denomina-os funambulos e menciona-os no prologo de uma das suas comedias, intitulada *Hecyra*, nome tomado de duas vozes latinas, *fums*, corda, e *ambulare*, andar.

Sabe-se tambem que, sendo esses exercicios uma das principaes diversões naquelles tempos, tanto dos grandes como do povo, os *chicicenos* fizerão cunhar uma medalha em honra do imperador Caracalla, e que Sponnas explica nos seus estudos de antiguidades. (Suetonio, em Galba, Séneca, na epistola 86, e Plinio no seu livro 8º, capitulo II, quando se occupão destes exercicios, dizem-nos que os elephantes erão tambem ensinados a caminhar sobre a corda, facto que não deixa de parecer bastante original e estranho.)

Erão quatro os principaes modos na antiguidade, para se levarem a effeito esses trabalhos: primeiro, dar voltas á roda de uma corda, preso pelo pescoço e pelos pés; segundo, de igual maneira, isto é, dando voltas, mas apoiado sobre o estomago; terceiro, de pé marchar com rapidez sobre a corda, adoptando esta, linha recta ou obliqua; e quarto, esse mesmo exercicio mas semeado de maiores difficuldades, pelos perigos e arriscados trabalhos que ao mesmo tempo executavão ao chegar á sua parte média.

Esses mesmos exercicios, um pouco modificados na sua fôrma, passarão dos antigos á maior parte dos povos modernos, servindo-se delles os reis e as autoridades nos primeiros seculos da idade média para as festas e regozijos publicos, vindo a constituir ainda na actualidade uma das variedades que se nos exhibem nos nossos circulos e praças publicas, sendo notabilidades nesse genero de exercicios Blondin, Salvi, Spelterini e outros.

Os Romanos, á semelhança dos Gregos, dividião o exercicio do baile em tres generos, a sa-

ber; ,, dança gymnastica, dança mimica e dança pyrrhica.“

A primeira era um exercicio puramente corporal, ao passo que a segunda, como o seu nome o indica, era destinada a representar por meio de gestos, movimentos e attitudes, certos sentimentos, idéa, etc.

A terceira, a dansa pyrrhica, era a mais notavel de todas as deste genero.

Platão considera-a como typo das dansas guerreiras e Mercurial confirma-o no seu tratado de gymnastica (anno de 1569) reproduzindo varias figuras dessas dansas copiadas de pedras antigas.

Attribue-se a Pyrrhus a sua invenção. Posta em uso na idade mytica, levava-se a effeito estando os figurantes armados, e ao som da flauta, fazendo-se movimentos vivos e ligeiros, segundo Platão.

A dança pyrrhica foi mais tarde introduzida em Roma por Julio Cesar, agradando em extremo aos Romanos, em virtude do que alcançou grande voga nos jogos publicos.

Caligula, Nero e Adriano, segundo Athenêo, derão lhe regras, reformando-as em varias occasiões.

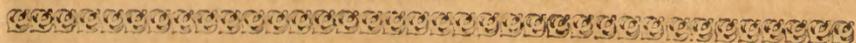
Além destas tres danças, existião tambem outras, que Muller, Xenofonte, Luciano e outros, mencionão, e que varião tanto nas suas fórmãs, como nas suas combinações.

Sabe-se tambem que o baile, na sua origem, esteve inteiramente ligado á religião por se julgar que aquelle não podia existir sem ser baseado nesta; dahi a origem que do primitivo coro deu margem ao coro dramatico, que não era mais que a reunião em certos e determinados dias de toda a povoação de uma cidade na praça publica, para prestar homenagem de adoração e respeito ao Deus daquelle paiz, cantando e dançando á roda delle.

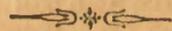
Por ultimo, o baile unido com o canto, veio a ser sempre uma maneira de exprimir os sentimentos de todos os povos; assim o vemos occupar sempre um lugar preferente, tanto nas festas e regozijos civis, como nos militares, não esquecendo tão pouco os religiosos, pois segundo dissemos já, formava parte integrante delles; assim sabemos que em certa época os ministros do Senhor bailavão ao compasso da musica; os filhos de Israel dansarão em acção de graças depois da passagem do Mar-Vermelho: David dansou diante da Arca, quando a conduzio da casa de Obed-Edom ao seu proprio palacio, dansava *otis vir-*

bus, isto é, com todas as suas forças, segundo o texto sagrado, e por ultimo, até os proprios judeus dansarão na inauguração do bezerro que adoravão, enquanto Moysés permaneceu no monte Sinai.

* * *



SEU LEITO



Seu leito é alvo, mais alvo
Que as azas de um cherubim,
Está junto do oratorio
D'uns santinhos de marfim.

Naquelle magico ambiente
Ha sempre um vago perfume. .
Um sonho, um beijo, um suspiro,
Um leve indicio de ciume.

Naquella alcova modesta,
Naquelle ninho feliz
Ha o quer que seja de santo
Que a lingua humana não diz.

Ali vai ella, scismando,
Suffocar a sua dor,
E ler as candidas laudas
Do seu poema — o amor.

Ali dorme ella!... Saudosa
Ali suspira de certo
Olhando a extensão do leito,
Medindo o vasto deserto...

Depois soluça... E' um segredo
Que em seus olhos transparece...
Os anjos colhem-lhe os prantos
E Deus recolhe-lhe a prece!

De manso affasta as cortinas,
Contempla um momento o leito
Sauda os santos, e beija
A cruz que guarda no peito...

Depois desmancha os cabellos,
Atira ao chão as alfaias,
Desnuda o pé de alabastro.
E só, mergulha em cambraias!

Assim a estrella d'aurora
Se occulta na vaga cérula,

E a borboleta no lyrio
E dentro da concha—a perola!

Silencio! dorme!... Em sua fronte
Radia um sonho sem fim...
Na sombra guarda-lhe o somno
O seu Jesus de marfim!...



LIBERDADE, IGUALDADE, FRATERNIDADE



Liberdade, Igualdade, Fraternidade! tres formosas palavras!

Quantas pessoas haverá que comprehendão e admittão que „a liberdade de cada um tem para limites a liberdade dos outros?“

Que a liberdade mais ampla possivel não póde consistir senão em cada um fazer o que julgar mais sensato, mais util ou mais agradavel, conformando-se rigorosamente com as leis?

Longe disso; o que nós vemos é os pretendidos apostolos da liberdade querendo accrescentar á sua liberdade propria a confiscação da liberdade dos outros — e não se julgando verdadeiramente livres senão quando têm liberdade para opprimir.

Foi durante o „regimen da liberdade obrigatoria,“ no tempo do Terror, que se viu encher de tal modo as prisões que foi preciso assassinar os prisioneiros afim de dar lugar a outros.

Igualdade. — A igualdade não existe na natureza: por isso não póde consistir senão na „igualdade perante a lei.“ Entenda-se, porém, que a igualdade não consiste em serem todos a mesma cousa, todos governo; consiste em chegar ao mesmo grau de perfeição, cada qual no seu emprego, em encontrarem todos ahi a mesma consideração, a mesma liberdade, a mesma protecção sob leis iguaes.

Um excellente lavrador, um bom operario são „logicamente e legalmente os iguaes“ de um excelente estadista, de um bom escriptor; emquanto que um estadista ignorante, um escriptor mediocre não são os iguaes do lavrador excelente, do operario bom.

Mas não é assim que vulgarmente se entende isto: — a igualdade e uma escada, cujos degraus são os hombros e as cabeças dos outros.

Durante o „regimen da igualdade obrigatoria,“ no periodo da communa, viu-se um ver-

dadeiro carnaval de plumas, de pennachos, de cintos, de bandas, de galões, de estrellas nos kepis, de botas verdes etc., titulos tão ridiculos como novos, servindo de pretexto á usurpação de pretendidas funcções „sempre retribuidas.“

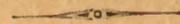
Fraternidade! — Foi durante o reinado da „fraternidade legal, obrigatoria“ e tendo curso forçado como papel-moeda, que se viu as prisões atulhadas pela suspeita e despejadas pelo morticínio, como dizia Victor Hugo; — que se viu a guilhotina em permanencia, as metralhadas de Lyon e de Toulon — as afogaduras de Nantes, etc., — e hontem ainda — o assassinio dos refens, dos generaes de Chaudey, e os homens queimados em vida.

Liberdade, igualdade, fraternidade! tres formosas palavras! Tres *bagues* insolentes na pratica daquelles que ousão escrevel-as na sua bandeira.

AFFONSO KARR.



Viagem ao tumulo



Quando eu partir, senhora, o que desejo
De vós, é uma lembrança
Dos tempos que passarão,
Das horas que tão breves, porque alegres
Em risos se escoarão...

Que levarei d'aqui dentro do peito
Além do fel amargo
Do negro soffrimento?
Que não seja de vós uma saudade
E um longo pensamento?

De mim talvez não fique mais que um nome.
Sem que vos diga nada
De que minha alma sente,
— Pallida sombra que apparece em sonho
E foge de repente.

Não vos dei uma c'roa, que adornasse
Vossa candida fronte
Do brilho merecido. .
Dei vos apenas um perfume d'alma,
Só por ella sentido.

J. RAMOS.